



Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

**INSTITUTO DE HUMANIDADES- IH
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES – BHU**

AUGUSTA MBEIA NABITÃ

**A CONSTRUÇÃO DA MISOGINIA LABORAL DE ESTUDANTES DO CURSO DE
CONSTRUÇÃO CIVIL NA ESCOLA CIFAP NA GUINÉ-BISSAU**

ACARAPE-CE, 2025

AUGUSTA MBEIA NABITÃ

**A CONSTRUÇÃO DA MISOGINIA LABORAL DE ESTUDANTES DO CURSO DE
CONSTRUÇÃO CIVIL NA ESCOLA CIFAP NA GUINÉ-BISSAU**

Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) em formato de projeto de pesquisa, como requisito para obtenção do título de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades (IH) na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

Dedico esse trabalho a minha mãe e ao Mano Sadna!

Orientadora: Profa. Dra. Natália Cabanillas

Có-orientadora: Profa. Domingas Da Silva

ACARAPE-CE, 2025

AUGUSTA MBEIA NABITÃ

**A CONSTRUÇÃO DA MISOGINIA LABORAL DE ESTUDANTES DO CURSO DE
CONSTRUÇÃO CIVIL NA ESCOLA CIFAP NA GUINÉ-BISSAU.**

Trabalho de Conclusão do Curso (TCC), apresentado ao Instituto de Humanidades, da Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito parcial para à obtenção do título de Bacharel na Humanidades.

Aprovado em: 24/11/2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a. Natália Cabanillas

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab

Prof. Domingas da Silva

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab

Mestra: Ana Eugenia da Silva

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	3
2. OBJETIVOS.....	5
2.1 OBJETIVO GERAL	5
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	5
3. PROBLEMA GERAL.....	5
4. JUSTIFICATIVAS	7
5. REVISÃO BIBLIOGRÁFICO.....	7
6. METODOLOGIA.....	17
7. CRONOGRAMA.....	19
8. REFERÊNCIAS.....	19

1 - INTRODUÇÃO

No ano de 2020, eu ainda estava em Bissau, as pessoas me perguntavam, “que curso estás a fazer?” Quando respondia, “estou fazendo o curso da construção civil”, me respondiam “você é mulher, esse curso é para homens e não para as mulheres”. A pergunta que emerge de estas situações é: por que? como funciona a discriminação contra as mulheres de forma tal que determinadas áreas acabam sendo consideradas áreas de trabalho exclusivamente masculinas? Guiada por estas perguntas, iniciamos este projeto de pesquisa.

Nos últimos anos, têm visto uma forte presença das mulheres no mercado de trabalho, principalmente nos espaços intensamente considerados masculinos. Essa aderência das outras mulheres nesses espaços está a servir também de um movimento que continua a incentivar a ocupação feminina nos espaços masculinizados (Garcia; Conforto, 2012). Com tudo, na Guiné-Bissau- não muito diferente dos outros países- também está sendo verificado uma mudança em como as mulheres são vistas. Muito embora, a divisão sexual do trabalho ainda se mantém.

A Guiné-Bissau foi a primeira colónia portuguesa no continente africano a declarar sua independência unilateral em 1973. Segundo o censo do Instituto Nacional de Estatística (2022) de 2009, a Guiné-Bissau é um país considerado pequeno - com uma população de 1.449.230 de habitantes. Na qual, as mulheres constituem um total de 51,5%, e homens com um total de 48,5% de pessoas- isso não significa que ela esteja isenta de problemas de desigualdades de gênero. De acordo com o *Idem* (mesmo autor); *Ibidem* (na mesma obra); no que se refere à alfabetização dos homens e das mulheres, as mulheres estão com cerca de 51,3% não alfabetizados, e os homens com um total de 36,8% não alfabetizados.

A desigualdade no âmbito da educação se manifesta de forma mais intensa no mercado de trabalho. O *Idem* (mesmo autor); *Ibidem* (na mesma obra); aponta que, na Guiné-Bissau, o setor privado emprega mais homens e mulheres do que o setor público, e as mulheres acessam em menor medida aos empregos públicos. O 80% dos homens economicamente ativos estão empregados no setor privado, enquanto para as mulheres o percentual é de 92,3%. No setor público os homens com 17,2% e mulheres com 5,9% da população economicamente ativa. Podemos observar que existe uma correlação entre educação formal e ingresso no mercado de trabalho formal; assim, a baixa escolarização das mulheres impacta nas suas possibilidades de empregabilidade. Todavia, as mulheres guineenses têm um papel fundamental e contribuem massivamente com o desenvolvimento do país, seja na educação dos filhos, no trabalho doméstico e agrícola, seja na renda familiar através dos trabalhos informais, no entanto, elas não conseguem acessar outras áreas de trabalho remunerado como o setor da construção civil.

Centro Instrução Formação Artesanal Profissional/Bissau (CIFAP), encontra-se situada no Setor Autónomo de Bissau que é uma das nove regiões administrativas do país, segundo a organização do governo local, concretamente no bairro de Alto Bandim. CIFAP é uma escola técnica de formação teórica e prática profissional em diferentes áreas, nomeadamente, construção civil, mecânica, canalização, eletricidade e entre outros cursos. O objetivo principal é compreender a construção da misoginia laboral dos estudantes do curso de construção civil na escola CIFAP na Guiné-Bissau. Para isso, a metodologia usada é de cunho qualitativo. Na coleta de dados, a investigação se baseará em dois tipos de pesquisa: bibliográfica e a narrativa, com foco no caderno de memórias elaborado a partir da minha experiência pessoal, como estudante e egressa do CIFAP, e como jovem que tentou ingressar no trabalho de construção civil.

Durante meus estudos no curso técnico de Construção Civil em 2020 foi constatado que a presença de mulheres é minoritária entre as estudantes e praticamente quase nula como professoras. No entanto, tinha mais aderência feminina no curso de contabilidade, apenas duas estudantes mulheres no meu curso de construção civil, eu e uma outra menina chamada de Nhima Nambera, evidentemente nenhuma menina em outros cursos.

As poucas estudantes mulheres, além de ser uma presença minoritária, passamos por uma enorme pressão social dentro e fora do instituto para permanecer no curso, ou até ausência de apoio familiar, por ser considerada uma área não apta para mulheres. As dificuldades incluem, a falta de apoio por parte da família e de aceitação da sociedade, a interiorização e principalmente o questionamento desnecessário das pessoas do entorno sobre se as mulheres conseguem ou não aguentar o trabalho braçal nessa área. Devido a minha experiência nessa área, me deparei com todas essas dificuldades e limitações.

Na frente das circunstâncias descritas, este projeto de pesquisa procura problematizar as dificuldades que as mulheres enfrentam no seio familiar nas tomadas de decisões sobre suas escolhas, sabendo que na sociedade guineense, na maioria das vezes as mulheres não têm lugar de fala, ou até outros integrantes da família consideram que podem decidir por elas, no caso de membros homens.

Segundo as autoras Hirata e Kergoat (2007), para o modelo tradicional é considerado que papel de cuidados com a família e tarefas domésticas é assumido totalmente pelas mulheres; e o papel do provedor, aquele que trabalha fora para trazer e manter o sustento em casa, atribuído totalmente aos homens. Sendo assim, é importante debater sobre preconceito e estigmas laborais que mulheres sofrem, quando saem desse espaço que são postas pela sociedade como cuidadoras da família e com as tarefas domésticas. Estar em contato com esse

trabalho, lhe levará a uma compreensão de como se dá a misoginia laboral na sociedade guineense.

No entanto, na justificativa o que diz respeito ao primeiro ponto da mesma, vou trazer minha motivação pessoal, em seguida o benefício desse trabalho para a sociedade e por último a sua relevância acadêmica. Na revisão bibliográfica vai se iniciar com o conceito da misoginia e se relaciona com a pesquisa sobre a presença de mulheres no curso de construção civil da CIFAP de Bissau, logo adiante, ela seguirá em desenvolver os principais três pontos da nossa discussão que são. Logo em seguida passamos a discutir mulheres no curso técnico de construção civil no CIFAP/Guiné-Bissau: uma discussão sobre a construção social de gênero e misoginia na relação social guineense, em seguida vai ser discutida a influência da educação cultural e da divisão de trabalho entre homens e mulheres na Guiné-Bissau e por último discutiremos as dificuldades enfrentadas pelas mulheres na escolha do curso de construção civil.

2 - OBJETIVOS

2.1- Objetivo Geral

Compreender a construção da misoginia laboral dos estudantes do curso de construção civil na escola CIFAP na Guiné-Bissau.

2.2 - Objetivos Específicos

- ❖ Debater sobre preconceito e estigmas laborais
- ❖ Descrever e analisar as dificuldades que as mulheres enfrentam no seio familiar nas tomadas de decisões sobre suas escolhas profissionais
- ❖ Entender as dificuldades enfrentadas durante o curso.

3 - PROBLEMA GERAL

No cenário guineense, apresenta-se uma forte divisão sexual do trabalho, presente desde as tarefas domésticas, onde as principais responsáveis são as mulheres, até no âmbito laboral. Nos perguntamos assim, como funciona a exclusão das mulheres de certos âmbitos de trabalhos,

considerados exclusivos para os homens? Quais as dificuldades que as mulheres enfrentam no seio familiar nas tomadas de decisões sobre suas escolhas de estudo e trabalho?

Como é que se dá a construção da misoginia laboral dos estudantes do curso de construção civil na escola CIFAP na Guiné-Bissau? E dentro das práticas misóginas, como são compreendidos o preconceito e os estigmas laborais?

4- JUSTIFICATIVA

4.1- Motivação pessoal na escolha do tema

A primeira motivação para pesquisa sobre a presença de mulheres no curso de construção civil a partir do ano 2020 no instituto Centro Instrução Formação Artesanal Profissional (CIFAP) de Guiné-Bissau deve-se a discriminação que sofri ao me candidatar para cargo de pedreiro na empresa “Bagabaga Construção” na Guiné-Bissau no ano 2021. Dito isso, outro ponto fundamental aqui são os olhares preconceituosos para com as mulheres nessa área: socialmente considera-se que o lugar delas não é a construção civil, uma engenharia e sim cursos teóricos, como no caso de áreas humanas, direito entre outros. A discriminação é grande de modo que se fosse um curso para aprender a cozinhar, seria sim considerado para mulheres. Para além da motivação pessoal, gostaria de pontuar a importância acadêmica e social da pesquisa.

4.2- Contribuição Acadêmica.

A presente pesquisa trará para o campo acadêmico teórico e humano, um debate atualizado sobre as mulheres na construção civil que servirá como meio de divulgação científica. Além de servir de referência bibliográfica para dar suporte no desenvolvimento de trabalhos futuros, também vai contribuir significativamente na desmistificação do lugar da mulher na sociedade. Cabe destacar que, no decorrer do trabalho, ao fazer a procura bibliográfica nas bases de dados de google acadêmico, com as palavras chaves “mulheres”, “construção civil” “Guiné-Bissau” e emergiram textos científicos que abordam esta temática, sobre Brasil, e poucas pesquisas sobre a Guiné-Bissau, o que indica uma lacuna na pesquisa nesta área. Este projeto procura contribuir para modificar esta situação.

O trabalho de pesquisa vai servir para entender como funciona a exclusão das mulheres nesta área, o que -espera-se- vai ajudar na aceitação de mulheres e apoio entre si, já é suficiente a falta de apoio por parte dos homens.

4.3-Relevância Social

O incentivo dessa pesquisa pode trazer para a camada social feminina na Guiné-Bissau, mais presença feminina na construção civil. Ademais, servirá como forma de capacitação e conscientização de homens e mulheres, principalmente para homens que acreditam que aquela área (construção civil) não é espaço para mulheres e sim para homens.

Através da experiência narrada nesta pesquisa, elas (mulheres) estarão a se olhar diferente e passaram a acreditar mais em si e lutar contra ideias pessimistas contra seu gênero.

Portanto, outro ponto fundamental seria a valorização da camada feminina nessa área, principalmente a aceitação das mulheres nesse campo por parte dos homens. Na época da luta de libertação da Guiné-Bissau. Amílcar Cabral, líder da luta de libertação da Guiné-Bissau, dizia que Cabral (1978), “não podiam vencer a luta sem apoio das mulheres”, tanto que as mulheres serviram de grande suporte na época. Assim, este trabalho propõe retomar o espírito de esta ideia, mas para pensar a atualidade. Não podemos vencer sem as mulheres, por isso nos perguntamos: onde estão as mulheres na construção civil? Como é a sua participação neste ramo da indústria?

5 - REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Na revisão bibliográfica nos interessa discutir os conceitos de misoginia, e se relaciona com a pesquisa sobre a presença de mulheres no curso de construção civil da CIFAP de Bissau. Logo em seguida passamos a discutir mulheres no curso técnico de construção civil no CIFAP/Guiné-Bissau: uma discussão sobre a construção social de gênero e misoginia na relação social guineense, em seguida vai ser discutida a influência da educação cultural e da divisão de trabalho entre homens e mulheres na Guiné-Bissau e por último discutiremos as dificuldades enfrentadas pelas mulheres na escolha do curso de construção civil.

A ausência de mulheres no setor da construção civil também impacta nos trabalhos acadêmicos, desde que não encontramos pesquisas que abordem a questão de mulheres neste ramo da indústria na Guiné Bissau. Assim, procuramos bibliografia sobre o Brasil e colocamos em diálogo através de cadernos de memórias, podendo trazer experiências vividas durante o tempo que estudei no CIFAP a escola de construção civil nos anos 2020 e 2022.

Quase todas as obras encontradas se referem ao contexto brasileiro: Mônica de Fátima de Oliveira et al. (2020): *O trabalho das mulheres em áreas relacionadas à tecnologia e engenharia: estudo de caso sobre a inclusão feminina na construção civil*. Para Romcy e Brites (2014): *As mulheres na construção civil: algumas notas a partir de um trabalho de campo*. Por outro lado, Silva e Osterne (2014) e Jorge et al. (2019) -'Por entre os canteiros': *um estudo sobre a presença das mulheres na construção civil*. De acordo com Oliveira e Yannoulas (2016)

“Qualificação profissional de mulheres para a indústria da construção civil: entre o enfrentamento e a reprodução da divisão sexual do trabalho”. E, essas vão servir como ferramenta de comparação, quer dizer, em alguns momentos, trataremos da participação das mulheres guineenses na construção civil em comparação com a realidade do Brasil. Dito isso, estaremos trazendo obras que retratam sobre gênero na realidade guineense com as autoras Gomes, (2016) “Ser mulher africana e estudante no contexto da diáspora: alguns aspectos do cotidiano de estudantes guineenses no maciço de Baturité-CE”, enquanto que Djata (2024) fala da “desigualdade de gênero na política da Guiné-Bissau: um estudo a partir das narrativas das mulheres”.

5.1 - Misoginia na construção civil

A misoginia é compreendida como o ódio contra as mulheres pelo fato de serem mulheres, dito isso Johnson nos traz um conceito de forma mais ampla sobre. De acordo com Johnson (1997) a misoginia se expressa em atitudes culturais de ódio às mulheres através do seu gênero. Ela trata-se de uma parte vital do preconceito e da ideologia sexista, em sociedades altamente dominadas pelo patriarcado, constitui uma base útil para opressão das mulheres. Sua manifestação é constatada de vários tipos diferentes: desprezo, piadas, pornografia, violência e, inclusive, autodesprezo que mulheres podem ser ensinadas a sentir em relação ao próprio corpo.

Em 2021, foi lançado um anúncio de emprego na área de pedreiro, na Empresa Bagabaga Construção, em Bissau. Como tinha realizado um curso intensivo na área da construção civil, acreditava que podia dar conta do emprego. Fui me candidatar, e ao chegar, a secretária nem me deixou chegar perto da mesa. Ela me subestimou, por ser mulher, ainda me disse, “você não pode, estamos precisando de pessoas com força física, de preferência, os homens para fazer este tipo de trabalho”. Essa narrativa mexeu comigo, e me trouxe a estranheza, e a constatação sobre como as pessoas viam as mulheres na sociedade e principalmente nas escolas, universidades e no curso de formação na Guiné-Bissau.

Esses estigmas das mulheres no curso de construção civil, também foram construídos no seio familiar. Me lembro no início do meu ensino fundamental, comecei a perceber a minha inclinação para as disciplinas práticas, motivo pelo qual, comecei a ter certeza do meu sonho de ser arquiteta. Ao terminar o décimo segundo no ensino médio em 2019 aos meus 19 anos, entrei em conflito com o meu irmão mais velho, que pagava a escola e tudo o que eu precisasse. Ele queria que eu seguisse curso de medicina, porque a medicina me empregaria, assim, cresci sendo chamada de doutora. Todavia, o curso de arquitetura não existe na Guiné-Bissau, quase a minha única opção era estudar medicina. Aconteceu em uma das conversas com o meu

professor de nome Pascoal Mingo Banor Bhindj: lamentei a minha situação a ele, ele me orientou a fazer construção civil, pois nesse curso estaria lidando um pouco com a arquitetura; já estava quase iniciando as inscrições na escola do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), em 2019. Não precisaria pagar quase nada como para as inscrições assim como para estudar, só transporte. Na primeira vez que tentei a inscrição, logo consegui.

Com isso, foi muito difícil no início, tanto por parte da minha família e como da sociedade em geral, que já tem uma construção social de que as mulheres não podem fazer esse curso, eu por tanto, não era para aquele espaço. Autoras Hirata e Igoat (2007), destacam que os trabalhos são divididos de acordo com os sexos, com base nos princípios de separação e hierárquica, onde o primeiro que é o princípio de separação refere-se à ideia que há trabalhos específicos para homens e trabalhos para mulheres; e o segundo princípio hierárquico, valoriza mais trabalho de homens em relação ao trabalho da mulher.

Sendo assim, ao longo desse percurso, percebi que, se damos ouvidos à aprovação de outro sobre nossas decisões e escolhas, quase nenhuma mulher faria o que deseja para ser o que sonha na vida. Com isso, este projeto procura abordar, pesquisar e entender como funciona a discriminação de gênero quando as mulheres entram em campos masculinizados como a construção civil, com foco em Guiné Bissau.

Godoi et al. (2025), nesse trabalho eles compreendem a misoginia como a violência e desprezo contra mulheres, também como uma construção intrínseca à ideologia do desenvolvimento, a misoginia pode assim ser considerada como viva e profundamente consolidada as discussões do desenvolvimento, sendo ela na fase de incentivo da indústria ou ainda na fase mais atual com as possíveis inovações.

O feminismo que luta pelos direitos das mulheres e contra a baixa remuneração da mesma, de acordo com as autoras a discussão do feminismo tem uma certa harmonia com a crítica à misoginia. De modo que Arruzza et al. (2019) confirmam que:

[...] as leis que criminalizam a violência de gênero também são uma farsa cruel se fazem vista grossa ao sexismo e ao racismo estruturais dos sistemas de justiça criminal, deixando intactos a brutalidade policial, o encarceramento em massa, as ameaças de deportação, as intervenções militares, o assédio e o abuso nos locais de trabalho. Por fim, a emancipação legal permanece uma casca oca se não inclui serviços públicos, programas sociais de habitação e recursos financeiros para garantir que as mulheres abandonem a violência doméstica e no local de trabalho. (Arruzza, et al, 2019, p. 45).

5.2 - Mulheres no curso técnico de construção civil no CIFAP/Bissau: discussão sobre construção social de gênero e misoginia na relação social guineense.

Em Guiné Bissau, as mulheres contribuem maciçamente para o desenvolvimento do país, em todos os setores da economia, e muito visivelmente no comércio de vegetais, na agricultura e no trabalho doméstico e dos cuidados. Gomes (2016) aponta que muitas mulheres guineenses são autônomas financeiramente, elas na maioria das vezes são empoderadas através de suas lutas diárias. De modo que, na sociedade guineense os homens são pensados como provedores, aquele que traz o sustento para família, ele é quem tem voz em casa e decide pela família; no entanto, muitas das vezes, a mulher é quem leva o sustento no lugar do homem, quer dizer, se o homem não tiver trabalho e a mulher tiver, mesmo assim a mulher não tem voz dentro da família, e continua a ser a única responsável dos trabalhos da casa e cuidado dos filhos. Para Gomes (2019), as diferenças de homens e mulheres são resultados de uma adaptação “cultural” em decorrer dos tempos o posicionamento de homens e mulheres não passa de uma “construção social”. Segundo Neves (2013 *apud* Bruschini 2000), a fraca participação das mulheres no mercado de trabalho deve-se ao patriarcado, onde as mulheres são responsáveis pelos cuidados da casa e criações dos filhos. Observa-se que as questões biológicas femininas, como menstruação, gestação e licença maternal, sem mencionar as responsabilidades domésticas, muitas vezes são apontadas como fatores que complicam a inserção das mulheres no setor da construção civil. Essas questões poderiam ser simplesmente compreendidas e resolvidas com o devido apoio e compreensão.

Deste modo, na maioria das vezes, as mulheres são contratadas para desempenhar funções relacionadas à limpeza e cozinha nas obras, muitas vezes devido a estereótipos que associam essas tarefas apenas aos homens.

Na sociedade guineense também as mulheres são responsáveis pelas ocupações domésticas. No meu ensino médio eu era responsabilizada pela casa (tarefas domésticas), como todo mundo eu estudava também, estava eu e o meu irmão mais velho e o mais novo. Eles não faziam absolutamente nada de ocupações domésticas e isso quase sempre fazia com que estivéssemos em conflito com eles por causa de terminar cedo o almoço. Eu era a única ocupada com tarefas domésticas e exigida em tirar boas notas igual a eles que não faziam nada em casa, além de estudar e com tempo para ir jogar bola. Brites (2015) baseou essas observações em uma pesquisa de campo, pela qual apresentou mulheres que ocupavam cargos considerados de grande reputação na nossa sociedade, incluindo duas engenheiras e uma arquiteta. Posteriormente, apresentou outras seis trabalhadoras, quatro das quais eram responsáveis pela limpeza, e duas eram responsáveis pela alimentação dos pedreiros da obra, só que as serventes suas presenças não eram vistas, eram invisibilizadas por serem mulheres ainda por cima nesse ramo da indústria.

Sempre existiu essa diferenciação entre as trabalhadoras, notei isso na obra em que estagiei, sempre que chegasse visitas, a construção era mostrada menos a cozinha, nós “eu e minha colega chamada Nhima”, as estagiárias éramos apresentadas e os pedreiros não, e nem mesmo a menina que cozinava, ela não era apresentada a visita, uma apresentação formal.

5.3 - Educação cultural e da divisão sexual do trabalho na Guiné-Bissau.

Na Guiné-Bissau a educação guineense influencia significativamente nas tomadas de decisões principalmente na vida das meninas. Desde criança elas crescem com a educação da divisão sexual das tarefas, começando pelos brinquedos, tipos de brincadeiras, tarefas de casa assim como as responsabilidades da casa. Os homens têm mais liberdade com o corpo e não só, as mulheres nesse caso são educadas para serem mais reservadas em quase todos os sentidos. A divisão sexual de trabalho começa dentro da família para depois se alastrar para fora de casa, a presença da divisão é muito grande na sociedade. Todavia, as autoras Da Silva e Ostone (2014) também destacam que o trabalho das mulheres nessa área de construção civil é marcado pela divisão sexual de trabalho e a construção social do que é ser homem e o que é ser mulher e isso acaba influenciando diretamente na diferenciação dos trabalhos e tarefas domésticas.

Segundo Jorge (2019), existem fatores que atuam sobre o processo de feminização e é influenciado através da relação de gênero, classe e raça. São essas categorias ou fatores que influenciam a divisão sexual de trabalho, trazendo com ele vários impedimentos para com as mulheres nas áreas consideradas masculinizadas.

De acordo com as autoras Oliveira e Yannoulas (2016) pode-se constatar o baixo salário, de forma que as mulheres são postas para trabalhar como servente e na limpeza final, sendo que não foram contratadas para trabalhar nessa área (servente). Uma das entrevistadas contou que se revoltaram perante a situação, acabaram por sair da obra. As autoras ainda colocam que é importante ressaltar que, para uma mulher que aceitou fazer esse curso, é porque queria romper com barreiras sexistas que ela é imposta e acaba por se desapontar ao ser colocada novamente nas relações de gênero tradicionais pela dinâmica social das próprias relações de trabalho. Com isso, elas trazem uma discussão de classe que é muito verificada na nossa sociedade (guineense), independentemente de existir diferenciação entre homens e mulheres, existe também uma grande diferença entre as mulheres em si. A questão da classe que se coloca aqui é voltada à questão da valorização do trabalho entre elas e a invisibilização, a desvalorização dos trabalhos considerados para mulheres.

Nesse caso, as mulheres contratadas como engenheira e arquiteta os trabalhos delas são mais visíveis em relação às que são contratadas na área de limpeza e cozinha. Com tudo, as que são contratadas como engenheiras e arquitetas não deixam de enfrentar discriminação e desvalorização de trabalho por parte dos homens. Para serem aceites nesse mundo considerado masculinizado elas chegam a ser submissas e precisam concordar na maioria das vezes com a opinião dos homens.

As mulheres consideradas de um cargo de grande importância, nesse caso superior à dos homens, por exemplo, uma engenheira ou arquiteta e um pedreiro ou canalizador, elas ao se dirigirem aos homens no canteiro de obras elas devem se dirigir a eles docemente, não devem ser exigentes ou controladoras. No entanto, os fatores que influenciam a divisão sexual de trabalho na realidade guineense são verificados no âmbito da classe e gênero, gênero na perspectiva de que existem certos trabalhos para homens e trabalhos para mulheres assim sucessivamente para com os espaços que as mulheres frequentam, igualmente em certas responsabilidades dentro de casa.

Por outro lado, a questão da classe, Guiné-Bissau não muito diferente de outras sociedades, ela também apresenta uma certa desvalorização de pessoas consideradas de baixa classe. Ao fazerem esse curso para se empregarem precisam ser que a pessoa estudou esse curso fora do país ou essa pessoa tem uma pessoa da família ou o sobrenome conhecido e considerado importante na sociedade.

Segundo Gomes (2016), a sociedade guineense não está fora desse modelo patriarcal onde as mulheres continuam a enfrentar dificuldades na libertação dessa educação imposta pela sociedade machista, tanto no âmbito cultural quanto no âmbito econômico, político e social.

Para Jorge (2019), na sua entrevista realizada com homens e mulheres, argumenta que até no processo de contratação existe uma certa diferença. Os homens, na maioria de casos, são contratados por indicação, enquanto que mulheres que mesmo sendo pela indicação, os currículos delas ainda passam por um processo de avaliação até mesmo para as mulheres de sector de acabamento e outras ainda passam por um período de estágio. No meu caso, quando fui me candidatar para o cargo de pedreiro na empresa, a secretária recusou minha documentação me julgando que não teria como dar conta de trabalho naquela área. Acredito eu que se fosse homem da mesma idade ou tamanho que eu, ele teria sido aceito.

Nessa profissão, na Guiné-Bissau, os homens podem trabalhar mesmo sem ter um estudo ou um diploma que comprove que sabem fazer aquele trabalho por suas características físicas, enquanto que as mulheres mesmo com o diploma ou formação feita fica difícil para ela conseguir trabalho nessa área.

As autoras De Oliveira et al, (2020), aconteceu no decorrer de uma entrevista, a entrevistada falou sobre a falta de oportunidade para mulheres, de modo que possam estar inseridas naquela área, no decorrer da entrevista uma engenheira também coloca a forma como foi tratada durante a procura de emprego, que ela tinha até um bom perfil, o currículo também é muito bom, só que estão a procura de homens para aquela área.

Conforme Silva e Ostone (2014) no Brasil, teve dois programas de incentivo para as mulheres na área de construção civil, especificamente no estado de Ceará, um realizado em 2007 e o outro realizado em 2011, o de 2007 a Prefeitura executou um projeto mulheres pedreiras, com esse projeto conseguiram formar cerca de 180 mulheres para atuarem diretamente nessa área, essas mulheres participaram direto na construção do Hospital da Mulher de Fortaleza (CE). O de 2011 lançado pelo Sinduscon (sindicato que representa os empresários da construção civil no Estado do Ceará), teve a parceria com o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), formou cerca de 100 mulheres atuando nas áreas elétrica, pedreira, carpintaria e ilustração hidráulica. Muito diferente do Brasil, a Guiné-Bissau não tem esses programas de incentivo de mulheres nessa área, muito pelo contrário a sociedade guineense acredita que mulher não é para essa área. Na Guiné-Bissau só existem escolas privadas e uma pública para formação técnica na área da construção civil, uma escola de engenharia, duas técnicas e duas delas com duas divisões, uma na capital e outra no interior do país e o SENAI que tem parceria com o Brasil.

Em todas essas instituições não têm uma forte presença feminina, a maioria dos estudantes que frequentam esses espaços são homens, por isso o estranhamento ao terem uma presença feminina nos seios deles.

De acordo com Moreira (2018), se o conceito de homens inseparavelmente ligado ao sexo e as diferenças biológicas e as formas físicas são fatores que os distinguem não só através da diferenciação social e sexual de homens e mulheres, mas também para o estabelecimento hierárquico. As ideias extensamente universalizadas de que as mulheres são suaves e homens duros, mulheres nas esferas privadas e homens nos públicos, mulheres emocionais e homens racionais. De modo que na Guiné-Bissau, quando a criança homem estiver chorando dirigem essa frase "cala, cala omi cata tchora, tchora i pa mindjer", (homens não choram, chorar é para mulheres e não para homens).

Ainda, ao falar da participação feminina na construção civil, sempre nos deparamos com pouco apoio, inclusive por parte da família. Observa-se que as questões biológicas femininas, como menstruação, gestação e licença maternal, sem mencionar as responsabilidades domésticas, muitas vezes atrapalham a inserção das mulheres nesse setor.

De acordo com Silva e Schettino (2014) as mulheres têm-se aumentado no mercado de trabalho porque atualmente existem um grande desenvolvimento de métodos contraceptivos, o uso de anticoncepcional, as mulheres diminuindo a quantidade de filhos ou seja o número reduzido de filhos e de igual modo pensarem também em momentos que querem tê-los, assim lhes permitindo conciliar casa e trabalho, trabalhos domésticos e a vida profissional, não permanecer apenas aos cuidados da família, trabalho doméstico nesse caso. Mesmo para aquelas mulheres que querem ser mães e ainda se inserirem no mercado de trabalho, conseguem se inserir através dos serviços oferecidos por outras mulheres, no caso de empregadas domésticas.

“O crescimento no setor acabou permitindo que as mulheres se inserissem, ou fossem inseridas também nessas ocupações, inclusive com incentivo a diversos programas de profissionalização e capacitação voltados especificamente para elas” (Romcy G. Brites 2014, p.139). De acordo com a conversa que tive com o meu antigo professor Runilson, está a verificar-se um aumento da presença feminina nesses espaços, comparado à tempos atrás, ele me contou que esse ano entrou 3 meninas e uma acabou por desistir. O problema agora está a ser a permanência, nas escolas onde estudei, em 2019/2020 estudei no SENAI, durante esse período em que estudava eu era a única menina naquela área de pedreiro no meio de muitos meninos incluindo professor, e no mesmo curso no período de tarde não tinha nenhuma menina. Um pouco diferente na escola CIFAP, só que lá éramos duas apenas, uma em cada turma e uma professora que dava disciplina teórica.

No entanto, a Neves, M. A (2013), confirma que a manutenção do modelo de família patriarcal que responsabiliza a mulher às tarefas domésticas, o cuidado com a família e a educação dos filhos, seriam os motivos que atrapalham e dificultam a participação das mulheres no mercado de trabalho, assim como a falta de apoio por parte dos homens nas tarefas domésticas e na educação dos filhos. Por tanto, todos esses fatores, acabam impedindo elas de conciliar as obrigações familiares com atividades profissionais, tudo isso acarreta e deixa elas em desvantagens com relação aos homens, deixando-as numa posição secundária.

As autoras Bruschini e Lombardi (2000), confirmam que a diferença salarial é grande, as mulheres ganham baixo salário comparado ao salário dos homens, mesmo sendo ambas as partes (mulheres e homens) trabalhando às mesmas horas, em quase todos esses setores que foram analisados, a medicina, o direito, a arquitetura, na engenharia até mesmo nas contratações dos trabalhos domésticos.

5.4 - As dificuldades enfrentadas pelas mulheres na escolha do curso de construção civil.

Em muitas famílias, nem sempre as mulheres estudam, por conta do tipo de educação que temos, que mulheres devem se comportar e aprender ofícios domésticos para que possam ter um homem que a case futuramente, dito isso poucas delas conseguem a oportunidade de ir à escola.

Para mim foi diferente porque, meu irmão estudou fora, voltou para o país com um outro olhar, entendendo o lugar da mulher na sociedade. Motivo pela qual me colocou para estudar e não para ir no casamento como outras meninas. Ele sempre dizia, “estudei com muitas mulheres inteligentes, destacadas melhores que os homens e tu pode chegar longe se quiser, é questão de focar nos estudos e não engravidar”, essas eram suas palavras das vezes que me aconselhava de modo em que eu não engravidasse antes de terminar os estudos, ele acredita que o primeiro são estudos depois os filhos.

Segundo Oliveira et al, (2020), a sociedade ainda vê a construção civil como um espaço exclusivamente para homens dito isso, existem falas muito preconceituosas que diz assim “canteiros de obras não é lugar para mulher” ou ainda “mulheres na obra nunca dá certo” esses tipos de comentários são bastantes desencorajadoras e leva a compreensão do quão esse espaço para as engenheiras ainda são discriminatórias e desvalorizadas na sociedade, elas têm dificuldades de inserirem no mercado de trabalho para atuarem profissionalmente.

Ademais, no decorrer do meu percurso acadêmico, também enfrentei falas preconceituosas e discriminatórias como “se eu fosse teu marido toda vez que quiser competir comigo nessa área estarei lhe engravidar, seu trabalho seria só parir filhos para mim”, diante desses discursos não deixava passar assim, despercebido, deixava claro para a pessoa que eu estando naquele espaço não é para competir e sim para aprender sobre o que gostava e sentia que eu posso estar ali e sim era o meu lugar.

Para Rocha (2020), as mulheres para poderem caber ou permanecerem no mundo masculino nesse caso, no seio dos engenheiros, elas deviam passar por um processo de socialização e aceitar a submissão e naturalizar práticas machistas e discriminatórias. Tinham que conviver diariamente com situações de desrespeito, impostura, injustiça e depreciação no trabalho.

No entanto, como tinha me acostumado com os colegas da escola no ambiente de trabalho, recebia esses comentários desrespeitosos fora do ambiente de trabalho e tinha que provar de qualquer jeito que sabia alguma coisa relativo a área de construção seja através dos cálculos de blocos para construção de uma casa ou através mesmo da alvenaria “levantamento

de parede” ou se quiser dizer “assentamento de bloco”, era humilhante e cansativo ter que estar a prova daquela forma.

De acordo com a Lombardi (2006), no ambiente profissional, pode se afirmar que mulheres mesmo se fazendo presente nas áreas consideradas masculinizadas, suas presenças em outras instituições ainda continuam a ser limitadas para a sua atuação profissional, ou limitações na sua posição hierárquica nas empresas e nas instituições. Ainda coloca que o ambiente de construção civil parece “não combinar” com as mulheres engenheiras, logo adiante, discursos que tentam explicar o porquê da menor presença das mulheres nesse campo profissional são as tradicionais, o ambiente de obras aterrorizante pesado e sujo, a falta de alojamentos e banheiros das mulheres.

Mulheres nessa área da indústria passa servir de encorajamento de outras mulheres nessa área, ainda falta ver presença feminina em outras áreas consideradas masculinizadas, para estar nesses espaços precisa ser como eles, para poder caber e se sentir incluso, precisa vestir semelhante a eles, falar e entrar na onda com eles, não ser totalmente séria. Na época em que eu estudava, às vezes, não tínhamos um lugar fechado para nos trocar, os quartos da obra eram sem portas, o banheiro era único e comum, raras vezes eu tomava banho depois da aula de prática, isso significa que costumava usar a minha roupa de trabalho por cima da que saía de casa, na hora de voltar tirava as roupas de cima e pronto.

Diante de todos esses obstáculos que elas enfrentam a autora ainda confirma que mesmo com o passar dos tempos e hoje em dia esse espaço de trabalho está mais aberto às mulheres, elas ainda deparam com a divisão sexual de trabalho, lhes atribuindo diretamente atividades consideradas não masculinizadas como gerenciamento de canteiros, seleção do pessoal, compra de materiais, dificilmente “tocam”, são responsabilizadas pela obra, ou trabalham diretamente nos assentamentos cerâmicos.

Por outro lado, as mulheres enfrentam durante o curso muitas dificuldades na Guiné-Bissau. São consideradas incapazes de ocupar certos cargos no mercado de trabalho. Dito isso, há também uma grande desvalorização e inferiorização com o que a mulher pode ou não fazer. Entrei em conflito com o meu ex-namorado antes de nos conhecermos (tínhamos estudado juntos) na escola CIFAP, porque a maioria queria que eu fosse responsável pela higiene na turma. Todos os outros colegas que achavam que eu não devia ser responsável pela disciplina e sim de higiene, votaram contra mim, perdi a eleição e me recusei a ser responsável pela higiene, desde então comecei a chamar atenção deles, do tipo de pessoa que eu era, para eles eu sou teimosa.

Além disso, é verificado a questão da não permanência das mulheres nos trabalhos, às vezes a mulher é obrigada escolher entre seu trabalho ou sua família. Também, a falta de confiança, o supervisionamento rigoroso pensando que não estão fazendo trabalho como deve ser. No início do curso não recebi apoio por parte da família, só mais adiante tive apoio por parte dele quando ele realmente aceitou que aquele era o curso que escolhi para mim, até um certo ponto ele tinha razão de não me deixar na construção por causa da minha saúde. Só que isso não vem ao caso.

Num certo sentido, se não for uma pessoa resiliente na escolha pessoal do que queria não duraria muito tempo levando em consideração tudo que passei. Mesmo se uma mulher fosse posta para trabalhar no canteiro de obra num cargo de grande patamar, ela vai ser considerada inferior, e nem sempre vai conseguir exercer bem sua função por insegurança e baixo autoestima, por outro lado os homens e até as próprias mulheres em si não conseguem ver uma mulher à frente começam a pensar que ela está ali para tirar lugar do outro. Quase sempre fica difícil para os homens aceitarem que mulheres estejam na frente e que elas sejam capazes de trabalhar na construção civil, principalmente onde se exige a força física, uma vez na aula de prática depois de embarcarmos no carro os blocos, no momento de assentamento dos blocos, como a terra não era plana, bloco escorregou bateu no meu pé, depois de me darem o primeiro socorro, um deles respondeu “ela gosta de competir, a falaram para sentar, ela não quer”.

N’canha (2022 *apud* Djata 2023, p.82) afirma que é muito presente a questão do machismo na Guiné-Bissau, mesmo nas instituições as mulheres são inferiorizadas e deixadas de lado, até quando elas são destacadas no trabalho mais que os homens.

Conforme a bibliografia revisada, a situação das mulheres na construção civil ainda enfrenta muitos obstáculos, tanto que na Guiné Bissau, acompanhando minhas memórias, quanto no Brasil, tal como se evidenciou nas pesquisas. A ausência de pesquisas sobre Guiné-Bissau, gênero e construção civil é notória, e este trabalho procura começar a abrir debate voltado a esse campo de pesquisa.

6 – METODOLOGIA

Na coleta de dados, a investigação se baseará em dois tipos de pesquisa: bibliográfica e a narrativa da minha experiência pessoal. Bibliográfica no sentido de revisar as obras já publicadas que servirão como suporte da nossa abordagem, o nosso foco vai ser na forma que os autores e autoras abordaram o termo da misoginia, a desigualdade salarial e gênero, e a presença de mulheres na construção civil, essas são as discussões que vão conduzir nosso trabalho.

Por outro lado, discutiremos também como autores e autoras conceituam principais dificuldades que as mulheres enfrentam no seio familiar nas tomadas de decisões sobre suas escolhas no contexto guineense, no sentido geral, nessa área de construção civil, como se formula o preconceito contra as mulheres, e ainda, vamos nos concentrar nos sentidos dos conceitos formulados e reformulados durante os estudos nessa área.

Portanto, o presente trabalho visa estudar como se dá a construção da misoginia laboral dos estudantes do curso de construção civil na escola CIFAP na Guiné-Bissau das dificuldades que as mulheres enfrentam no seio familiar nas tomadas de decisões sobre suas escolhas.

Estando numa sociedade onde o lugar das mulheres é considerado fora dos espaços altamente masculinizados. De acordo com o relato da minha experiência, para que possa permanecer focada nos seus objetivos na sociedade guineense, exige muita resiliência, coragem e firmeza para poder enfrentar sua família e a sociedade.

Para isso, realizaremos uma pesquisa do cunho qualitativo e fundamentado em narrativa baseada na minha experiência vivenciada no campo. Para isso, com suporte nas experiências usaremos caderno de memória que narra as vivências e os questionamentos da sociedade guineense e o preconceito voltada às mulheres nessa área principalmente com o curso em si.

“A narrativa é considerada em termos de elementos verbais, não verbais e contextuais. [...] Cada narrador utiliza de capacidades e habilidades próprias, e o encontro dialógico é possibilitado quando ambos interlocutores [...]” De Souza e Silva (2020, p. 38).

De acordo com Paiva (2008), narrativa é um significado de relato que circula entre nós, uma história, algo contado e recontado, relatório de um acontecimento, até mesmo relato de experiência de vida e pode ser feita através de textos escritos ou de forma verbalizada ou de forma visual e é grandemente investigado na área de linguística aplicada.

A busca bibliográfica feita na biblioteca foi com base no atendimento da bibliotecária no campus de Aurora para aprender como procurar trabalhos, onde e com que palavras chaves procurar. Sendo assim, buscamos através do google acadêmico, e no portal de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

De acordo com o desenvolvimento do trabalho, as narrativas vão detalhar mais ou menos como é a vida das mulheres na Guiné-Bissau, como elas são vistas, as condições impostas pela sociedade voltada ao seu gênero e principalmente como ela é vista nesses espaços considerados masculinizados.

7 - CRONOGRAMA

Etapas	Períodos (meses) do ano 2026								
	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov
Pesquisa Bibliográfica	X		X	X	X	X			
Leitura	X	X	X	X	X	X			
Pesquisa do Campo			X	X	X				
Análise dos Dados				X	X	X			
Compilação dos dados						X	X		
Retoques finais							X	X	
Entrega de trabalho									X

8 - REFERÊNCIAS

ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%: um manifesto**. ed. Boitempo 2019. Disponível em: <https://tinyurl.com/yk5sdpvs>. Acesso em: 05 nov. 2025.

BRUSCHINI, Cristina; LOMBARDI, Maria Rosa. A bipolaridade do trabalho feminino no Brasil contemporâneo. **Cadernos de pesquisa**, p. 67-104, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/dzDXTKKnr96DdTZSqnmtH5r/>. Acesso em: 30 out. 2025.

CABRAL, Amílcar. **A arma da teoria. Unidade nacional**. Lisboa. Vol. I, Seabra Nova, 1978 (*Obras escolhidas de Amílcar Cabral*, coord. por Mário de Andrade, vol, I) Coleção "Os Pensadores". Abril Cultural, São Paulo, 1978.

ROCHA, Manuela Antonia Gomes Da; **Gênero e Trabalho na Construção Civil**. 2020, 180. Dissertação de Mestrado, Política Científica e Tecnológica Campinas 2020 Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=502471>. Acesso: 31 out. 2025.

DA SILVA, Mayra Rachel; OSTERNE, Maria do Socorro Ferreira. 'Por entre os canteiros': um estudo sobre a presença das mulheres na construção civil. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, v. 5, n. 1, p. 83-97, 2014. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rflagg/article/view/5295>. Acesso: 07.outub. 2024.

BAYLÃO, André Luis da Silva; SCHETTINO, Elisa Mara Oliveira. A Inserção da Mulher no Mercado de Trabalho Brasileiro; **XI Simpósio de excelência em gestão e tecnologia**, v. 3, n. 02 2014. Disponível em: <https://tinyurl.com/u4u723my>. Acesso em: 31 out. 2025.

DE OLIVEIRA, Mônica de Fátima et al. **O trabalho das mulheres em áreas relacionadas à tecnologia e engenharia**: Estudo de caso sobre a inclusão feminina na construção civil. **Humanidades & Tecnologia em Revista (FINOM)** v. 22, n. 1, p. 10-26, 2020. Disponível em: <https://scholar.google.com/citations?user=QLrekDoAAAAJ&hl=pt-BR&oi=sra>. Acesso em: 31 out. 2025.

SANTOS, Márcio De Sousa et al. Narrativa como método de pesquisa. **Revista Valore**, Volta Redonda, 5.ed. p. 37-51, 2020. Disponível em: <https://revistavalore.emnuvens.com.br/valore/article/view/400>. Acesso em: 08 nov. 2025.

DJATA, Bininba. **Desigualdade de gênero na política da Guiné-Bissau**: um estudo a partir das narrativas das mulheres. 2023; 97fs ; Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós graduação em..... . Teresina, Disponível em: <http://repositorio.ufpi.br:8080/handle/123456789/3667>. Acesso em: 14 ago 2025.

GODOI, Cintia Neves; LIMA, Roberta Oliveira; BAZZANELLA, Sandro Luiz. Desenvolvimento e gênero: a misoginia estrutural na sociedade e no trabalho contemporâneo. **Revista Profanações**, v. 12, p. 51-81, 2025. Disponível em: <https://www.periodicos.unc.br/index.php/prof/article/view/5608>. Acesso em: 05 nov. 2025.

GOMES, Peti Mama. **Mulheres em associação na Guiné-Bissau: gênero e poder em Babock e Bontche**. Dissertação de Mestrado, 2019. 113 fs. Universidade Federal do Ceará, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Programa de pós-graduação associado em Antropologia; Redenção Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/50248>. Acesso em: 27out. 2025.

Gomes, Peti Mama; “**Ser mulher africana e estudante no contexto de diáspora**: alguns aspectos do cotidiano de estudantes guineenses no maciço de Baturité-CE”. Trabalho de Conclusão de curso em Humanidades, Redenção-Ce, 2016 fs. Bacharelado Interdisciplinar em Humanidade. Redenção-CE. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/2893> Acesso em: 08 de ago. de 2025.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de pesquisa**, v. 37, p. 595-609, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/cCztcWVvvtWGDvFqRmdsBWQ/?for>. Acesso em: 15 set. 2025.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA DA GUINÉ-BISSAU INE. **Recenseamento geral da população e habitação**. Bissau, 2009.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de sociologia**. Ed. Zahar; Rio Janeiro 1997. Disponível em: <https://tinyurl.com/y4hp26fs>. Acesso em: 01 nov. 2025.

JORGE, Maria Aparecida Sanches Silva; **Trabalho na construção civil no Brasil: Feminização, Segmentação e Consubstancialidade**. Tese de doutorado. 2019. 246fs.; Universidade Federal de Goiás; Goiânia, Programa de pós graduação em..... Disponível em: <https://tinyurl.com/yzcrpbse>. Acesso em; 07 out. 2024.

LOMBARDI, Maria Rosa. A engenharia brasileira contemporânea e a contribuição das mulheres nas mudanças recentes do campo profissional. **Revista Tecnologia e Sociedade**, v. 2, n. 2, 2006. Disponível em: <https://revistas.utfpr.edu.br/rts/article/viewFile/2467/1586>. Acesso em; 31 out 2025.

MOREIRA, Joacine Katar. **A Cultura di Matchundadi na Guiné-Bissau: Género, Violências e Instabilidade Política**. 2018. Tese de Doutorado. ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa (Portugal) p. 320 Disponível em: <https://tinyurl.com/3m87z6z7>. Acesso em: 27 out 2025.

MONTEIRO, Noemia Armando. **Mulheres nas direções escolares na Guiné-Bissau: recursos e obstáculos enfrentados**. Dissertação de mestrado, 2022, 57 fs; ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa (Portugal), Programa de Pós graduação em.... . p. 57 Disponível em: <https://tinyurl.com/2a3md3y2>. Acesso em: 14 ago 2025.

NEVES, Magda de Almeida. Anotações sobre trabalho e gênero. **Cadernos de Pesquisa**, v. 43, n. 149, p. 404-421, 2013. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0100-15742013000200003&script=sci_abstract. Acesso em: 02 abr 2025.

OLIVEIRA, Talita Santos de; YANNOULAS, Silvia Cristina. **Qualificação profissional de mulheres para a indústria da construção civil: entre o enfrentamento e a reprodução da divisão sexual do trabalho**. Capítulo de Dissertação de mestrado; 2016. p. 195-228 fs; Editora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/31223>. Acesso em: 20 out 2024.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. A pesquisa narrativa: uma introdução. **Revista brasileira de linguística aplicada**, v. 8, p. 261-266, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/gPC5BsmLqFS7rdRWmSrDc3q/?lan>. Acesso em: 80 nov 2025.

ROMCY, Daniela; BRITES, Jurema. As mulheres na construção civil: algumas notas a partir de um trabalho de campo. **Revista Vernáculo**, n. 36, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/download/37827/25637>. Acesso em: 13 out 2025.